

Nesta quarta-feira, 28/9, acontece o Conselho Universitário do mês de setembro, no qual deverá ser colocado em questão a assinatura do Acordo Interno de Trabalho dos professores.

Desde fevereiro deste ano o Acordo Interno da PUC-SP não está mais em vigor e, em seu lugar, a Fundação São Paulo vem aplicando a Convenção Coletiva do Sinpro-SP. Para a diretoria das APROPUC e para um grande número de professores ouvidos pelo **PUCviva**, esta substituição é danosa aos docentes, pois o Acordo da PUC-SP supera em muito as cláusulas da Convenção.

Na última Audiência Pública, o padre Rodolpho Perazzolo apresentou a proposta de formação de uma comissão no Consun que agregasse a APROPUC, Fundação e Reitoria para negociar o Acordo Interno.

A APROPUC está enviando ao Consun uma carta, conclamando os conselheiros a apoiarem a assinatura do texto pela Reitoria/Fundação e APROPUC, que é a legítima representante dos professores da PUC-SP, dispensando a intermediação de outras instâncias (veja a íntegra da carta ao Consun nesta página).

Por isso, é importante que nesta quarta-feira os professores compareçam ao Consun para acompanhar as decisões sobre seu Acordo Interno de Trabalho.

APOIOS

A APROPUC continua recebendo moções de

APROPUC CONCLAMA O CONSUN A APOIAR A IMEDIATA ASSINATURA DO ACORDO INTERNO

apoio pela imediata assinatura do Acordo Interno de Trabalho.

A Associação dos Docentes da Unicamp enviou mensagem à APROPUC e à Fundação São Paulo onde afirma: "A PUC-SP foi um

espaço de resistência à ditadura militar e, mesmo após este regime de triste memória, prosseguiu na construção de uma universidade com condições de ensino e trabalho de seu corpo docente, se diferenciando de

outras instituições. Os Acordos Internos desta universidade são uma conquista da categoria que viraram referência para outras universidades".

O Tribunal Popular - O Estado Brasileiro no Banco dos Réus, também enviou moção onde assinala que: "Respeitando a luta histórica dos professores da PUC por uma sociedade justa, declara total apoio à luta da Associação dos Professores da PUC-SP (APROPUC) pela assinatura do Acordo Interno de Trabalho dos professores da universidade, entre a entidade e a mantenedora Fundação São Paulo.

Essas moções se somam aos apoios do Sinpro-Guarurulhos, Sinpro-SP, Adunimep, ADUSP, publicados em nossa edição anterior. O abaixo-assinado pela assinatura imediata do Acordo ainda está no site da entidade, no endereço www.apropucsp.org.br.

Carta Aberta da APROPUC ao Consun

Como é do conhecimento de todos, a APROPUC se esforça, desde setembro de 2009, para renovar, junto à Fundação São Paulo e à Reitoria, o Acordo Interno de Trabalho. A ausência deste acordo anula reivindicações específicas dos professores conquistadas ao longo de quase 30 anos. No momento, apenas o acordo sindical está em vigor e para avaliar a precariedade de nossa situação basta um simples exame das tabelas comparativas

publicadas no jornal **PUCviva**.

Atualmente não existe qualquer obstáculo à assinatura deste acordo, uma vez que a APROPUC e a Fundação, para além de quaisquer mal-entendidos que tenham ocorrido em passado recente, retomaram o diálogo franco e aberto durante a Audiência Pública, realizada no TUCA, em 14 de setembro de 2010. As inúmeras manifestações de apoio à assinatura do Acordo durante este evento somam-se aos depoimentos de professores, no

mesmo sentido, publicadas nos últimos números do **PUCviva**.

Conclamamos o Conselho Universitário da PUC-SP a apoiar a imediata assinatura do Acordo Interno de Trabalho pela Fundação/Reitoria e pela APROPUC, que é a legítima representante eleita dos professores para este fim, sem qualquer necessidade de intermediação de qualquer outra instância desta universidade.

Diretoria da APROPUC

Publicação debate criminalização do aborto

Nesta segunda-feira, 27/9, às 19h, na sede da APROPUC, acontece o lançamento do livro *A criminalização do aborto em questão*, escrito por Maurílio Castro de Matos e editado pela Almedina.

O texto é fruto de uma tese de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, sob a orientação da professora Lucia Barroco. Além do autor do livro e de sua orientadora, estarão na mesa do debate Maria José Rosado-Nunes, professora da PUC-SP e coordenadora do movimento Católicas pelo Direito de Decidir, e a professora Rosalina Santa Cruz, do curso de Serviço Social.

O trabalho aborda o debate ocorrido antes e depois da legalização do aborto em Portugal e as experiências que ocorrem hoje no Brasil. Sobre o livro, Ana Campos, médica obstetra e ginecologista da Maternidade Alfredo da Costa em Lisboa, afirma que "O livro explica como foi possível que, num país com uma forte presença das tradições da Igreja Católica, os cidadãos optassem por considerar que não podem ser consideradas criminosas as mulheres que realizam um aborto por razões que só elas conhecem. Consciente de que esse passo essencial para a afirmação da cidadania das mulheres no seu país é ainda um percurso difícil. Este livro redescobre os debates antes e depois da legalização do aborto em Portugal, e divulga experiências que podem ajudar ao debate sobre o direito de escolha no Brasil."

Na PUC-SP e na USP, na semana passada, ocorreram debates como parte das mobilizações para o Dia

Latino Americano e Caribeño Pela Legalização do Aborto, que acontece no dia 28/9. O dia será marcado por atos em diversos países pela legalização do aborto. Em São Paulo, o ato sairá da Praça João Mendes, a partir do meio dia (veja nota na sessão Rola na Rampa).

AMEAÇAS

A campanha Nascer é um Direito, da Associação dos Fundadores, enviou uma moção ao cardeal D. Odilo Scherer denunciando o lançamento do livro. *A criminalização do aborto em questão*, ameaçando os professores da PUC-SP e a APROPUC por "desrespeitarem a Constituição Apostólica", Ex Corde Ecclesiae, que decide como se deve estruturar uma Universidade Católica.

A Curia respondeu a manifestação do grupo Nascer é um Direito afirmando em documento que "o lugar de lançamento do livro deverá ser a sede da APROPUC (Associação dos Professores da PUC-SP), que tem personalidade jurídica própria e independente da Pontifícia Universidade e da Fundação São Paulo, sua mantenedora".

Em seguida, a Curia manifestou sua opinião sobre o lançamento do livro: "O Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo e Grão-Chanceler da PUC-SP, igualmente desconhecia a realização do lançamento e lamenta profundamente que uma associação ligada à PUC-SP promova atos pró-aborto, contrários ao ensinamento da Igreja sobre a dignidade da vida nascente e os desaprova".

APOIOS

Essas ameaças à liberda-

de de expressão foram respondidas por outras entidades como a FAMA, Faculdade de Mauá, que se expressou no seguinte sentido: "Nós, docentes do Curso de Serviço Social, apoiamos o lançamento do livro *A criminalização do Aborto em Questão*, de autoria de Maurílio Castro de Matos, por compreender que esta reflexão traz contribuições à sociedade brasileira, em particular, às mulheres e à defesa dos direitos humanos. Bem como repudiamos qualquer cerceamento da liberdade de expressão, porque viola o artigo 5º inciso da Constituição Federal, bem como qualquer atitude punitiva aos profissionais que efetivam, no seu cotidiano profissional, um compromisso com uma educação emancipadora".

A ABEPSS (Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Serviço Social) também se manifestou favoravelmente ao lançamento do livro na PUC-SP, em uma moção de apoio: "A ABEPSS não tem uma posição definida sobre a questão do aborto, mas temos uma posição clara sobre a universidade. Ela deve ser o palco dos mais acalorados debates nacionais, inclusive este, ser um celeiro de ideias e de criação, pautar-se pelo debate democrático, romper com o obscurantismo e trabalhar para o esclarecimento científico e racio-

nal dos mais diversificados objetos de estudo e discussão. Se a Igreja Católica decidiu investir em educação, que, cabe lembrar, é uma concessão pública, tem que assegurar os princípios que fazem de uma universidade algo digno deste nome".

A Faculdade de Serviço Social da UERJ enviou moção à APROPUC, na qual afirma que "vem a público se manifestar favorável ao evento de lançamento do livro *Criminalização do Aborto em questão* de autoria de Maurílio Castro de Matos e contrária a qualquer ameaça de repressão às professoras envolvidas no referido evento promovido pela APROPUC-SP.

O livro é resultado parcial de uma tese de doutorado em Serviço Social na PUC-SP e seu autor é professor adjunto da nossa unidade acadêmica e tem uma trajetória de competência ético-profissional que orgulha a nossa faculdade, que defende a universidade laica, socialmente referenciada, pública e gratuita".

A integra das notas e a carta da Arquidiocese de São Paulo estão disponíveis no site da APROPUC

O Grupo Pão e Rosas também publica nesta edição uma carta repudiando o ocorrido.



Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 –
CEP: 05009-000 –
Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de
Almeida 990 – Sala CA 02 –
Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 – **Correio
Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **Correio
na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Victor Sousa, Caio R. Zinet e Marina D'Aquino

Fotografia: Luana Lila

**Projeto Gráfico, Edição de Arte e
Editoração:** Valdir Mengardo e
Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz
Abramides, João B. Teixeira, Priscilla
Cornalbas, Lúcio Flávio R. de
Almeida e Victoria C. Weischardt

Professores e estudantes opinam sobre Audiência Pública

O PUCviva ouviu docentes e estudantes da PUC-SP para saber qual foi balanço da comunidade sobre a Audiência Pública, que agitou a vida universitária nesse mês. Confira:

Maria Lucia Carvalho

Pós em Serviço Social

A Audiência Pública foi uma expressão da comunidade - seus docentes, estudantes e funcionários - muito importante para esse momento que estamos vivendo na PUC-SP. Estávamos sentindo falta de espaços coletivos com expressão democrática mais livre e ampla, em torno de necessidades coletivas, como sempre tivemos na PUC-SP.

Esses encontros democráticos e livres são importantes para expor, debater, e buscar caminhos coletivos para enfrentar nossas dificuldades.

Questões como o rompimento do Acordo e outras demandas dos alunos, professores e funcionários, precisavam vir à tona e vieram de uma maneira muito rica e viva - como é a natureza da PUC-SP, participativa.

O teatro estava cheio e gostei da participação de todos. Senti uma catarse porque todo mundo botou para fora as críticas e questões, pois não vínhamos encontrando possibilidades de debate e discussão. Eu apreciei muito.

Temos que dar continuidade e avançar nessas relações, numa democracia mais direta e participativa com a Fundação, Reitoria e todas as instâncias da PUC-SP

Marcia Calhes Paixão

Curso de Serviço Social

Participar da Audiência Pública neste último 14/9 foi uma experiência de frustração. Penso que a realização de Audiências Públicas está intimamente ligada às práticas democráticas. Quicá fosse o ocorrido!

Uma das formas de participação e de controle da comunidade da PUC-SP, ela deveria propiciar a troca de informações com seus mandatários e poderia representar a democratização das relações de poder na comunidade "puquiãna", concretizando nossa participação na gestão da Universidade, seja em relação à política acadêmica, seja à política administrativa. Mas os tempos são outros!

Esperava que Reitor e Secretários Executivos da Fundação se dispusessem a ouvir todos aqueles que sofrem os reflexos de suas decisões e que isto nos conduzisse a encaminhamentos consistentes e objetivos e a decisões negociadas, compartilhadas entre as partes. Mas em absoluto foi o que aconteceu.

Participamos de um momento engessado que sequer foi considerado como consultivo. Aqueles que nos deveriam "ouvir" não se puseram obrigados a analisar o dito, mesmo que segundo seus critérios, acolhendo ou rejeitando nossas propostas. Ao contrário, as intervenções notáveis de professores e estudantes foram tratadas com banalização, consideradas irrelevantes e respondidas de forma evasiva.

Se por parte dos discentes e dos docentes assistimos a um valoroso exemplo de exercício democrático qualificado (e... que bom foi ouvir os estudantes e confirmar que esta PUC-SP ainda continua formando gente crítica e posicionada...); se assistimos intervenções orais sobre matéria tão relevante, sobretudo tão legítima e que nos é tão cara (assinatura do Acordo, congelamento das mensalidades e mais bolsas de estudos e salário igual para trabalho igual etc.); por parte dos gestores da PUC-SP fomos subestimados, tratados por vezes como tolos, quando nos recordamos do desrespeitoso tom superficial nas poucas respostas que obtivemos.

Uma coisa foi conclusiva: a democracia interna na PUC-SP está desaparecendo (se é que neste caso cabe o uso do gerúndio).

Depois de tudo aquilo, permanece na certeza que precisamos reafirmar a luta pela democracia interna na PUC-SP, nossa necessária liberdade acadêmica, o reconhecimento da APROPUC como órgão representativo dos professores, além de recuperar na PUC-SP nossa tradição de construir sua administração compartilhada, mais justa, mais razoável, mais transparente, decorrente da democratização do poder.

Regina Gadelha

Faculdade de Economia

Considero que a Audiência Pública foi ótima. A APROPUC teve uma posição firme e corajosa e os alunos demonstraram um posicionamento maduro. Lamentei a não participação do CA Leão XIII, o que mostra uma desmobilização muito grande dos estudantes da FEA. Gostei muito das posturas e colocações dos membros da Diretoria da APROPUC, que está de parabéns.

Agora resta saber se os gestores da PUC-SP e Fundação São Paulo vão cumprir o que prometeram. Na verdade, não firmaram nada muito decisivo. Não senti firmeza na posição da Fundação São Paulo. Eles acenaram para a criação de uma comissão para debater o Acordo Interno, mas não firmaram nada. Também preocupa a adoção de dois níveis de carreira e salários desiguais pela Fundação para os contratos dos professores. O que demonstra falta de compromisso da Fundação em relação aos docentes.

O procedimento de demissão e readmissão dos professores de Geografia é algo que jamais esperei ver na PUC-SP, nos meus 30 anos de carreira na universidade. Sabia deste procedimento usual em particulares como a Sumaré, que fazem isso usualmente

como prática, mas jamais esperaria da Fundação São Paulo. E não é um caso restrito. Esse desrespeito com a carreira dos professores tem sido praxe dentro da universidade. Somente universidades "pagou-passou" têm essa política.

O que coloca em risco a excelência da nossa instituição. Se temos tido boas notas de avaliação até o presente é porque ainda contamos com um quadro de pessoas engajadas. Mas até quando? Esse é o grande problema. E o Acordo faz parte disso, porque diferencia a PUC-SP das "Uni-esquinas" - a PUC-SP está sendo reduzida a isso. E dirigir uma instituição igual a PUC-SP não é como gerir um negócio. Uma gestão de qualidade se faz com pesquisa e ensino.

Aldo Sauda

CA 22 de Agosto

A Audiência Pública mostrou que a Reitoria e a Fundação vivem um novo momento. Pela primeira vez houve uma mobilização da comunidade dizendo-se claramente insatisfeita e disposta a se mobilizar. Percebemos isso na assembleia estudantil que ocorreu após a Audiência e na maneira como a plateia reagiu às falas dos gestores. Estamos entrando em um novo momento na PUC-SP.

É o começo de uma mobilização e movimentação que não víamos desde a época das demissões. Parece que, depois de um grande refluxo, com as demissões e a criminalização do movimento estudantil, está surgindo uma organização que não é uma mera resposta aos ataques mais recentes, como à APROPUC e o aumento das mensalidades. Parece uma resposta para demandas que existem desde 2007. É maior do que questões pontuais. No sentido que terminou a hegemonia da igreja, ela vai ter que ouvir a comunidade que está começando a exigir seus direitos retirados pela cúria.

Comunidade presta homenagem a Denis de Souza Silva

Na madrugada de sexta-feira, 17/9, a PUC-SP perdeu Denis de Souza Silva, funcionário da Central de Estágios, aluno de Publicidade e diretor da AFAPUC. Vítima de complicações pós-operatórias, depois de quase um mês de internação Denis não resistiu, deixando uma imensa saudade em seus amigos e colegas da PUC-SP.

No dia 23/9, na capela da PUC-SP, foi realizada uma missa de sétimo dia. Com a capela lotada, familiares, amigos e colegas da PUC-SP prestaram homenagem ao ex-diretor da AFAPUC. Um dos momentos mais emocionantes da cerimônia foi quando Francisco Cristóvão, presidente da AFA-PUC, leu o poema de Madalena Gazzolini (que transcrevemos na íntegra nesta página).

O **PUCviva** coletou alguns depoimentos de amigos e pessoas próximas a Denis relatando os bons momentos que viveram ao seu lado e o vazio que a sua perda representou.

Francisco Cristóvão
Presidente da AFAPUC

Denis gostava da vida, de ver as pessoas bem. Estava sempre preocupado com as outras pessoas e em muitos momentos deixava a sua própria vida de lado. Tinha sempre uma palavra na ponta da língua para tirar você do problema, além de um senso de justiça muito forte. Era muito preocupado com as injustiças que vivíamos no dia a dia, não



só na universidade, mas também da sua casa, até o local de trabalho - o que por muitas vezes o deixava chateado.

Com a proximidade nos últimos três anos e meio, desde que assumimos a associação, passamos a conviver diariamente, mais de oito horas por dia, desde as horas sérias, até os momentos de descontração. Quando não estava contente com um assunto estava sempre buscando uma resposta. Um amigo. Grande amigo.

Muito cheio de vida, apesar de todos os percalços que passou, era um cara que gostava de estar presente na vida das pessoas.

Monica Ferreira de Souza
Funcionária da FEA

Gostaria de agradecer pela amizade, pela compreensão e companheirismo

de estarmos sempre lado a lado para ouvir e conversar. Sempre com confiança um ao outro.

Rivaldo Carlos de Oliveira
Funcionário da CGE

Eu comecei a entender um pouco mais o que era AFAPUC por conta dele, porque ele começou a me voltar para as discussões. Ele adorava um debate. Mas na maior parte do tempo era diversão. Ele era uma pessoa feliz, estava sempre dando risada e, apesar de ter uma cara de carrancudo, com ele a primeira impressão não era a que ficava. Depois de conhecê-lo, fizemos uma amizade bacana. Ele tornava o ambiente de trabalho menos pesado, quando entrava na CGE arrancava sorrisos mesmo sem falar nada.

Profissionalmente era

sem palavras, podia ter sua desilusão por conta das crises da PUC-SP, mas era um profissional sem igual. Vai deixar saudades. A CGE nunca será a mesma.

Dirceu de Mello
Reitor da PUC-SP

A PUC-SP é um corpo integrado por alunos, professores e funcionários. Com o falecimento do Denis, tão envolvido, querido e respeitado entre funcionários, a PUC-SP perdeu parte desse corpo.

Bruno Pinotti
Funcionário da CGE

Parceiro, brother e amigo. Uma das pessoas mais sinceras que eu já conheci e que não se intimidava com nada, mas, mesmo assim, um cara muito dócil que deixou saudades em todos... Vá com Deus meu grande amigo!

Te Esquecer

Vai ser fácil esquecer você. Denis

Basta não olhar o céu...

Não lembrar do mar...

Vai ser fácil esquecer você... Denis

Basta esconder a simpatia...

Abandonar a ilusão...

Mascarar a alegria...

Viver na solidão...

Vai ser fácil esquecer você... Denis

Basta não lembrar de seu sorriso...

Daquele seu meigo olhar...

Vai ser fácil esquecer você.. Denis

Basta de nada lembrar,

Nada olhar,

Não viver, nem amar,

Esquecer sua importância em nossa vida,

Vai ser fácil esquecer você Denis

Basta nós mesmos esquecermo-nos de nós.

Madalena Ramires Gazzolini

A paisana ou de batina, a ditadura persiste para reprimir as mulheres

O dia 28/09 é conhecido como o Dia Latino-Americano e Caribenho pela Legalização do Aborto, por isso, nesse mês, organizações feministas, de saúde, de direitos humanos e simpáticas à luta pelos direitos da mulher em toda a América Latina organizam ações para lutar pelo direito ao aborto.

Nesse sentido, a APRO-PUC-SP (Associação dos Professores da PUC) organizou o lançamento do livro *A criminalização do aborto em questão*, de autoria de Maurílio Castro de Matos, seguido de um debate sobre essa questão fundamental, principalmente para as mulheres negras, pobres, que cumprem os trabalhos mais precarizados e que morrem diariamente por abortos clandestinos.

Mais uma vez, os setores reacionários da Igreja Católica tentam minar esse debate apelando ao Cardeal D. Odilo Scherer, arcebispo de São Paulo e grão-chanceler (ou chefe) da PUC-SP com um abaixo assinado pedindo para que o padre use seu "poder" para barrar esse tipo de atitude que vai "contra a moral cristã", inclusive pedindo a demissão de uma das integrantes da mesa, a professora Maria José Rosado, integrante da ONG Católicas pelo Direito de Decidir, fazendo alusão a uma encíclica papal que dita que os docentes e funcionários das universidades católicas devem colaborar para o reforço da identidade católica na instituição.

Nós, do grupo Pão e Rosas, consideramos esse tipo de atitude uma afronta à liberdade de expressão e às liberdades democráticas conquistadas com muita luta dentro da PUC-SP pela comunidade acadêmica e que desde que a Igreja tomou o controle da Universidade, já vem sendo podadas tanto com retirada de cartazes que fazem denúncia direta à Igreja, como ocorreu no começo do ano com a explosão dos escândalos de pedofilia dos padres e bispos, quanto na proibição de pesquisas sobre temáticas como o próprio aborto e a homossexualidade.

Temos que assistir, como na realizada Audiência Pública, os padres e reitor dizerem que temos ampla democracia na PUC-SP e que estão abertos ao diálogo, enquanto vemos no cotidiano da universidade, os mesmos abandonarem todo discurso democrático quando se trata de perseguir e reprimir as mulheres e os setores mais oprimidos da sociedade que se organizam para discutir e lutar pelas suas demandas mais urgentes.

A universidade é um local de produção de conhecimento! Desse ponto de vista, devemos questionar a quem serve o conhecimento produzido na PUC-SP e a quem deve servir! A Igreja não tem o direito de decidir qual o conhecimento que os docentes e estudantes da PUC-SP podem ou não produzir!

Os setores mais reacio-

nários da Igreja não interferem apenas nas universidades católicas.

Em 2008, Lula assinou um acordo com o Vaticano, que permite que a Igreja "ensine" sua doutrina nas escolas públicas, enquanto meninas continuam sendo mães cada vez mais novas pela falta de educação sexual nas escolas.

Esse acordo faz com que o governo Lula em acordo com a Igreja (se fazendo de refém da Igreja), continue atacando as mulheres, homossexuais e negros com medidas que dificultam a conquista de direitos como o aborto, o casamento e adoção por homossexuais etc.

Por isso, nós do Pão e Rosas convidamos todas e

todos a participarem não só da atividade da APRO-PUC, no dia 27/09, mas também da atividade sobre o Direito ao Aborto, organizada por uma frente feminista na PUC, que aconteceu no dia 21/09, no Pátio da Cruz, e também do ato que acontecerá no dia 28/09, às 17h, na Praça Patriarcal (Centro). E gritamos:

Basta de mulheres mortas por aborto clandestino!

Abaixo a repressão e o cerceamento à liberdade de expressão dentro da Universidade!

Basta de intervenção da Igreja em nossos corpos e na PUC!

Grupo Pão e Rosas



FLÁVIO DUTRA

O Museu da Cultura foi palco de debates sobre os povos originários do Brasil

Semana Acadêmica debate a questão indígena

Entre os dias 20 e 24/9, aconteceu uma série de atividades na PUC-SP sobre a questão indígena. O evento, intitulado, *Retomada indígenas III: povos indígenas frente à sociedade brasileira hoje*, fez uma série de palestras com importantes lideranças indígenas, de movimentos sociais e pro-

fessores. Estiveram presentes nos debates, Israel Sassá (líder indígena), os professores da PUC-SP Rinaldo Arruda e Sílvio Mieli e o dirigente do MST Gilmar Mauro. Além dos debates, foram projetados diversos filmes, além de exposição de objetos indígenas.

GAUCHE NA VIDA

Made in Dagenham: Um filme para inspirar as pessoas que lutam hoje

O diretor Nigel Cole foi entrevistado por Yuri Prasad sobre seu novo filme *Made in Dagenham* que tem como tema a greve crucial de mulheres pelo salário igual em 1968, na Ford.

O que o levou a querer contar a história de uma greve?

A idéia de um grupo de mulheres se politizando e tomando o controle da situação sempre dá um bom filme dramático. Na Grã-Bretanha, há uma forte tradição da comédia dramática tratar de uma pessoa ou grupo de pessoas comuns que enfrentam o poder.

A fábrica de automóveis Ford em Dagenham era enorme e dominava toda a área adjacente. Vi na história da greve uma oportunidade de fazer um filme desse gênero.

Como você soube da história?

O produtor do filme, Stephen Wooley, ouviu um programa de rádio que reuniu algumas das grevistas. O humor contagiante delas e a animação com que tinham feito a greve o cativaram. Ele ficou tão impressionado com isso que decidiu naquele exato momento que tentaria fazer o filme.

Quando Stephen me contou a história, fiquei surpreso por nunca ter ouvido falar sobre isso - afinal, cresci logo ali, em Essex.

Há partes complicadas da história que são difíceis de captar, como o jeito que a disputa começa sobre a classificação do trabalho, mas só se torna uma luta sobre salário igual quando as mulheres percebem que a razão de serem erroneamente classificadas como "não especializadas" é porque são mulheres.

As grevistas que nos ajudaram no filme ficaram especialmente satisfeitas por termos captado esta faceta da greve.

Seus filmes frequente-

mente enfocam a vida das mulheres. Por que?

Eu gosto de fazer filmes sobre mulheres. Acho que elas produzem personagens mais interessantes do que os homens. Os homens têm dificuldade de expressar emoções - veja o Clint Eastwood, ele fez uma carreira inteira sem expressar nenhuma emoção.

Muitos filmes que mostram os homens e a cultura masculina são dominados pela violência, e eu simplesmente não estou interessado em explorar isso.

Foi difícil conseguir apoio para fazer um filme sobre uma greve?

É verdade que greves não são bem vistas no negócio do cinema - elas são consideradas negativas e um tanto austeras. Tivemos que trabalhar duro para superar essa visão. Mas, pelo fato de eu ter feito um filme comercialmente bem sucedido, *Calendar Girls* (Garotas do Calendário), algumas pessoas puderam perceber seu potencial e começaram a considerar que talvez pudessem vendê-lo.

Quando conseguimos que a BBC Films e o UK Film Council entrassem no projeto, este começou a ficar agitado, um projeto de primeira linha. Agora a Sony comprou o filme e está planejando um lançamento massivo nos Estados Unidos - talvez tenham que fazer legendas, mesmo em inglês!

Como diretor e homem, você achou difícil fazer um filme sobre a luta pela liberação das mulheres?

Tive meus temores, é claro.

Mas, como diretor, é comum sentir isso - não importa se o filme é sobre pescadores da Cornualha ou sobre os gangsteres de Londres. Sempre estamos aprendendo sobre as pessoas e suas vidas, e usando isso para contar uma história.

O filme é uma comédia, mas o assunto é sério. Isso importa?

Poderíamos ter feito um filme muito diferente sobre a criação da Lei do Salário Igual em 1970, e um longo e amargo conflito industrial, seria muito mais complexo. Poderia ser mais interessante para algumas pessoas, mas quisemos fazer um filme que tivesse um público de massas, não um filme que só fosse apresentado em cinemas de arte.

Quisemos fazer um filme para inspirar as pessoas que estão lutando hoje e, pelo fato de criar a sensação de uma comédia inglesa, consideramos que poderíamos contribuir para essa qualidade inspiradora do filme.

Espero que as pessoas saiam do cinema pensando que talvez não somos obrigados a ficar aguentando, talvez possamos nos defender. Há algo que o cinema e o teatro podem fazer muito bem: passar uma mensagem simples que diz "porque você não se levanta e luta para valer?"

Você espera que *Made In Dagenham* abra as portas para outros filmes sobre a história oculta da Inglaterra?

Muitas vezes, a vida da classe trabalhadora é retratada no cinema de modo muito negativo. É

claro que é difícil fazer um filme sobre as pessoas pobres que não apresente seus problemas. Mas, eu acho que filmes inspiradores são importantes.

Todas essas mulheres, e também seus maridos, que trabalhavam na Ford aguentaram condições de trabalho terríveis, mas elas consideravam que tinham uma vida boa. Elas viviam em lugares que eram bem melhores do que a região onde tinham crescido, no East End de Londres.

O filme que fizemos não é sobre ser esmagado pela pobreza, é sobre a luta contra a injustiça. Espero que mais pessoas façam filmes sobre esse tema.

Made In Dagenham terá lançamento nacional em 1 de Outubro. Para obter informações sobre a greve e entrevistas com as mulheres que participaram, consulte a edição de outubro da *Socialist Review*.

O artigo acima foi publicado originalmente no *Socialist Worker* 2220, 25 September 2010 www.socialistworker.co.uk/art.php?id=22457

Tradução de Victória Claire Weischtordt.

Nesta sessão, apresentaremos pequenos textos críticos acerca das várias dimensões da vida humana, de preferência no plano internacional. Se você tiver contribuições para os próximos números, mande ver (nosso espaço comporta, no máximo, 5000 caracteres, com espaço).

MOVIMENTOS SOCIAIS

Gegê é libertado provisoriamente

O importante militante dos movimentos de moradia, Luiz Gonzaga da Silva, o Gegê, conseguiu sua liberdade provisória no último dia 16/9. A juíza do caso suspendeu temporariamente o pedido de prisão, libertando Gegê, e remarcou o julgamento para os dias 14 e 15 de abril de 2011.

Gegê vinha sendo vítima, desde 2002, de um processo judicial em que era acusado de ser o mandante de homicídio, ocorrido em uma ocupação do Movimento de Moradia do Centro, do qual Gegê era fundador e importante liderança.

Segundo os advogados de Gegê, a linha da acusação re-



Família e militantes comemoram liberdade de Gegê

presenta uma flagrante tentativa de criminalização dos movimentos sociais, por meio de alegações distorcidas e de um discurso discriminatório que busca desqualificar a luta de Gegê e dos demais companheiros que lutam pelo direito à moradia no centro de São Paulo.

O Comitê Lutar não é Crime, que fez inúmeras mobilizações por Gegê, comemorou a decisão, mas entende que foi apenas uma vitória parcial e acredita que é muito importante que a mobilização se mantenha, crescendo até a data do julgamento.

Jornada Nacional de lutas exige fim dos despejos

A Jornada Nacional de Lutas da Frente de Resistência Urbana, formada por movimentos de moradia de todas as regiões do Brasil, organizou a paralisação de diversas rodovias. O objetivo da ação é exigir o fim dos despejos que na maioria das vezes tiram a população pobre de suas casas, por intermédio da força, sem oferecer nada em troca.

O movimento ainda apresentará em breve um balanço completo de onde ocorreram atividades, mas na região Sudeste houve paralisação de rodovias em pelo menos dois estados: São Paulo e Minas Gerais.

Com mais de 1000 militantes organizados, em São Paulo, o movimento trançou as rodovias Regis Bittencourt, Anhanguera, Dutra, Raposo Tavares, Dom Pedro I e Rodoanel Oeste. Em Minas Gerais 400 pessoas pararam o Anel Viário,

principal via de acesso de Belo Horizonte, que ficou bloqueado por cerca de três horas.

No Sul do país, o movimento também paralisou uma rodovia. No Paraná os movimentos da frente travaram a Avenida Rui Barbosa, em São José dos Pinhais.

A campanha surge num momento em que o Brasil conquista o direito de realizar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. É necessário, no entanto, olhar o que a realização desses eventos significa para as populações pobres. Como ocorreu durante os jogos Pan-Americanos, do Rio de Janeiro, em 2007, se montou uma ofensiva do mercado imobiliário que avança com uma operação de guerra contra os moradores de favelas, comunidades periféricas e trabalhadores informais.

Oposição vence eleição dos Metroviários de SP

A chapa que contava com militantes da Conlutas, Intersindical, Unidos pra Lutar e grupos independentes, venceu a eleição para um dos mais importantes sindicatos do país, o dos metroviários de São Paulo. A apuração dos votos aconteceu no dia 17/9 e elegeu a nova diretoria do Sindicato, representada pela Chapa 2, com 53% dos votos válidos.

O operador de trem, Altino de Melo Prazeres Júnior, encabeça a chapa vencedora como presidente, junto com Sérgio Carioca, seu vice. A eleição aconteceu entre os dias 13 e 17/9, em todas as áreas da empresa, contando com a participação de cerca de 5.200 metroviários. A posse da nova diretoria acontecerá no dia 6/11.

Encontro de Mulheres Trabalhadoras acontece na USP

No dia 24/9, na Universidade de São Paulo, foi realizado o I Encontro das Mulheres Trabalhadoras da USP. O objetivo do encontro é lutar contra a violência em relação à mulher, numa perspectiva classista. Em apoio ao evento, a APROPUC enviou uma moção:

A APROPUC vem por meio desta saudar o I Encontro das Mulheres Trabalhadoras da USP, a ser realizado em 24/09. A luta das mulheres trabalhadoras da USP contra a violência em relação à mulher é mais que necessária, posto que milhares de mulheres são mortas diariamente fruto da violência. As atrocidades cometidas contra as populações pobres se ampliam a cada momento e não podemos nos calar. A luta contra a violência em relação às mulheres deve se inserir no conjunto da luta contra a exploração de classe e qualquer tipo de opressão social na perspectiva das lutas antiimperialistas, anticapitalistas e socialistas.

De outro lado, a luta contra uma das formas mais violentas de exploração e precarização no trabalho, que é a terceirização, deve se dar no sentido do fim da terceirização e pela incorporação imediata de tod@s @s trabalhadoras(es) terceirizad@s, na USP, sem concurso público, considerando sua experiência.

Um ótimo Encontro a todas as mulheres trabalhadoras da USP e que possam avançar em um plano de ação, incluindo a luta contra a repressão na USP que se expressa em trabalhadores com suspensão, com processos administrativos e demitido por lutarem por seus direitos trabalhistas.

Bia Abramides
Presidente da APROPUC

ROLA NA RAMPA

Serviço Social na luta pela gratuidade

Há mais de um mês mobilizados, os estudantes e docentes de Serviço Social continuam lutando por melhorias no curso. Quarta-feira, 29/9, será um dia decisivo para o rumo do curso na universidade. Nessa data, será apresentado o resultado dos estudos da comissão responsável por estudar as reivindicações, composta por dois representantes da Reitoria, dois da Fundação São Paulo, dois professores do curso e três estudantes. As principais reivindicações do movimento são gratuidade do curso de Serviço Social por meio da filantropia, sem sua precarização; anistia da dívida de todos os

estudantes inadimplentes do Serviço Social e o retorno ao espaço físico ocupado historicamente pelo curso.

A comissão foi criada no dia 24/8, após apresentarem suas reivindicações ao secretário executivo da Fundação São Paulo, pe. João Júlio, em reunião com representantes discentes e docentes do curso e com a diretora da Faculdade de Ciências Sociais, Margarida Limena.

A ideia é conseguir a gratuidade do curso através da filantropia e função social do curso. Na próxima edição do **PUCViva**, publicaremos o resultado dos trabalhos da comissão e o desenrolar da movimentação do Serviço Social.

Após Audiência Pública, Consad continua trabalhos

No dia 23/9, foi realizada a primeira sessão do Consad depois da Audiência Pública de 14/9. Os gestores discutiram mais de uma dezena de casos de bolsas dissídio de professores. Como os docentes estão sem Acordo Interno de Trabalho as regras para bolsas de estudo mudaram. Com isso, uma série de estudantes tiveram suas bolsas cortadas devido a casos de reprovação em algumas matérias. Em praticamente todos os casos, os gestores votaram pela permanência das bolsas de estudo, mas os estudantes terão que arcar com os custos das matérias reprovadas. O reitor Dirceu de Mello prestou homenagem ao funcio-

nário Denis Souza, que faleceu na sexta-feira 17/9. O voto de pesar foi incluído na ata da reunião.

No final da sessão, o pe. Rodolpho Perazollo comentou sobre "duas vitórias da universidade na justiça". Dois estudantes inadimplentes entraram com uma ação na justiça para pedir regularização de matrícula, após cursarem o semestre sem a efetivação de matrícula. Em ambos os casos o juiz considerou a causa improcedente. Aos estudantes ainda cabe recurso. A questão da inadimplência e da redução das mensalidades foram duas das principais reivindicações estudantis na Audiência Pública de 14/9.

CA Benevides organiza semana contra criminalização da pobreza

O Centro Acadêmico Benevides Paixão está organizando a Semana Contra a Criminalização da Pobreza, entre os dias 27 e 30/9. Para debater o assunto vão acontecer exposições fotográficas, exibição de fil-

mes e documentários, além de mesas de debate com renomados intelectuais. Mais informações sobre a programação podem ser encontradas em <http://cabenevidespaihao.wordpress.com>.

Direito debate os 22 anos da Constituição Brasileira

A Faculdade de Direito, com apoio do Centro Acadêmico 22 de Agosto, organiza uma semana de palestras sobre a Constituição Brasileira que completa 22 anos. A semana, que foi batizada como Semana de Palestras "Constituição 22" é um evento comemorativo dos 22 anos da atual Constituição Federal brasileira. Foram escolhidos os 22 anos, pela conhecida simbologia do número para os estudantes de Direito da PUC-SP. A proposta é debater o período anterior à Constituição, o que a influen-

ciou, suas evoluções e polêmicas, assim como a efetividade social de suas normas e o Estado Brasileiro. Os debates ocorrerão entre os dias 4 e 8/10, das 8h às 11h, na sala 239. Serão debatidos os seguintes temas: A Constituição - Há 22 anos!, O Julgamento Antecipado das Mídias - A questão da Liberdade de Imprensa X Liberdade de Expressão, Dignidade Sexual, Anistia Para Quem?, O Estado Brasileiro é Constitucional? - 22 anos depois, a Constituição, sua Efetividade e a Reforma.

Eventos na PUC-SP e na USP discutem legalização do aborto

Entre os dias 20 e 24/9 aconteceram na USP e na PUC-SP uma série de atividades para debater a legalização do aborto. No CACS da PUC-SP foi realizado um debate sobre o tema no dia 21/9, contando com a participação de Ana Rosa, das Mulheres em Luta, Luka Amorim, da Frente Feminista Contra a Criminalização das Mulheres e Pela Legalização do Aborto e uma representante das Ca-

tólicas Pelo Direito de Decidir. Além dos debates, aconteceram uma série de atividades teatrais e intervenções artísticas. O evento faz parte das mobilizações para o dia latino americano e caribenho pela legalização do aborto, que acontece no dia 28/9. O dia será marcado por atos em diversos países pela legalização do aborto. Em São Paulo, o ato sairá da Praça João Mendes, a partir das 12h.

4º Encontro Anual de Espanhol

Dia 30/9, a partir das 18h30, na sala 239, acontecerá o 4º Encontro Anual de Letras Espanhol. O objetivo do encontro é proporcionar a interação entre os alunos de espanhol e profissionais da área, fomentando o diálogo, a pesquisa e a prática da língua.

VI semana de Turismo

Entre os dias 4 e 7/9 acontecerá a VI Semana de Turismo. Os dois primeiros dias de programação serão realizados na sala 100 do Prédio Novo; Dia 5/9 no auditório 134-C e dia 6/9 na sala 239. A VI Semana de Turismo visa proporcionar um espaço para discussão e reflexão sobre os assuntos referentes aos diferentes segmentos que compõem a atividade de Turismo.